



# Gaiato

8 DE DEZEMBRO DE 1973  
ANO XXX — N.º 776 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

A casa-mãe da nossa Aldeia,  
em Santiago do Infulene  
— Lourenço Marques.



● Quem nos dera uma máquina fotográfica! Não por causa de nós, mas por vós. Havíamos de pôr no jornal quadros lindos da nossa vida. Que a imagem é mais viva que a palavra. Assim, vamo-nos deliciando sozinhos. E temos pena!

Veríeis como eu vi, hoje de manhã, o sorriso aberto do Evaristo a correr para a escola, levantando o braço a dizer-me «bom dia».

O Evaristo fez 10 anos em 19 de Fevereiro. Fui a casa dele, várias vezes, antes de vir para a nossa. Ficou sem mãe e o pai... pobre pai que vai gastando no álcool o pouco que ganha, dando cabo da vida, a pouco e pouco. A escola para ele era a rua do bairro, de S.º António. No primeiro dia em que chegou à Casa do Gaiato chorou pela rua que deixava e fugiu. A força da rua é muito grande! Voltou e ficou. É responsável na rouparia. Agora, corre para a escola a rir e a dizer adeus com o braço levantado. Feliz como nunca foi!

Se tivéssemos uma máquina fotográfica púnhamos no jornal a cara do Evaristo.

● O Vitorino tem 14 anos. Vivia meio perdido no bairro da Massangarala. Sem pai e sem mãe; sem futuro digno à sua frente. O Vitorino com 14 anos, não sabe ler; não conhece o trabalho; não dá conta da riqueza que está dentro dele. Começa a viver agora. Até este momento, não entrou na posse de seus direitos fundamentais. Diz o art.º 6.º da Declaração dos Direitos da Criança: «para um total e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade necessita de amor e compreensão... A sociedade tem obrigação de cuidar, em especial, das crianças sem família, ou que careçam de meios adequados de subsistência». Trata-se, pois, de um direito da Criança e de uma obrigação da sociedade. O que a sociedade julga fazer por esmola, fá-lo por justiça.

O Bairro da Massangarala, às portas da cidade de Benguela, pede que se lhe faça justiça; que lhe seja dado aquilo a que tem direito: a resolução do problema da habitação.

O Vitorino é um rapaz mestiço. Começou a viver agora.

Entrou na posse de seus direitos. Abriam-se-lhe as portas de um lar; abriam-se-lhe as portas da escola; abriam-se-lhe as portas da oficina de carpintaria; abriam-se-lhe as portas da nossa capela.

Como ele há muitos à espera. Injustamente à espera.

● Vem aí o Natal. É Festa da Família. É Festa para todos os membros da família humana. Os mais fracos, os mais doentes, os mais pequeninos têm direito a ser olhados com carinho especial. Os membros são, mais fortes, acorram a dar a mão aos que mais precisam, numa atitude de irmãos, de membros do mesmo corpo.

P.e Manuel António

## Protecção Jurídica

# da Infância e Juventude

Em Julho de 1929, depois de cinco anos de procura e de prova num Convento Franciscano e no Seminário de Coimbra; e de mais trinta e sete anos de vida bem lograda no mundo — nascia sacerdote Américo Monteiro de Aguiar que os anos futuros fariam conhecido simplesmente por Pai Américo. Pai de uma multidão difícil de contar de Pobres, de Abandonados, de Filhos de ninguém. Pai de uma paternidade tão irradiante, tão comunicativa, que mesmo entre muitos que, materialmente, não precisaram do seu bafo, este nome familiar foi aceite e adoptado.

Em Janeiro de 1940 dedicou-se ordenada e definitivamente ao Rapaz da rua, sem Família ou sem Família capaz, «preferindo os mais repelentes, os mais difíceis, os mais viciosos». Foi a primeira Casa do Gaiato.

Remédio?... Pois se sem Família ou sem Família capaz — restituir-lhes isso mesmo que causas várias lhes haviam roubado: a Família — «a escola natural da sólida formação do homem!» Para tanto, «não são necessários sistemas, nem regras, nem estatutos». Basta este princípio: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». Indispensável, apenas amar — amar até ao fim, que é a medida exacta do amor autêntico. Nesta linha deixaria escrito para itinerário espiritual dos que viessem a segui-lo: «Os padres da rua são, por natureza, o Pai-de-Famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Assim começou e prosseguiu. E neste caminhar terminou seus dias sobre a Terra, vão lá 17 anos, a passar...

Fez escola, irradiou a luz e o calor da sua paternidade sobre muitos... Mas, sem querer ser pessimista — até porque o não sou! — tenho de afirmar que, num contexto

Cont. na TERCEIRA página

## Tribuna de Coimbra

A nossa casa na Praia de Mira, que durante tantos anos foi sonho, está linda aos olhos de quem se aproxima. A sua grande superfície, agora coberta com telha alinhada, mostra-nos ser para família numerosa.

Fomos arrastados para mais esta empresa pela nossa missão de chefes de família e educadores. Começámos a construção com alegria, confiados em Deus e nos homens.

Durante todas as férias andou um grande grupo dos nossos e foi ver subir a casa. Com o fim das férias, cinco dos mais velhos (dois dos quais já são bons artistas) quiseram ficar nas obras. Ocuparam um compartimento da casa (ainda por acabar) e têm-se sentido felizes e têm-nos dado felicidade.

Nesta altura têm-nos vindo mais aflições. São os materiais de acabamento e... o mobiliário.

Quero compartilhar convosco as aflições. Disse-me o nosso Zé Claro que o material de canalização e esgotos deve andar pelos quinze contos. Dos materiais para a instalação eléctrica não fazemos ideia do custo. Encomendámos 350 metros quadrados de ladrilho cerâmico e cem de mosaico. O pavimento pré-esforçado deve custar trinta contos. A telha, apesar da oferta de trinta por cento dos donos da fábrica, anda pelos vinte contos. Ainda só pagámos o tijolo, o cimento, o ferro e alguns transportes. Quando chegarmos aos vidros teremos que bater à porta de alguém que nos queira acudir. Uma fábrica, sempre aberta por um dos donos, ofereceu-nos azulejos e louças sanitárias; e outra entregou-nos três bibanhos.

Já tentámos pôr-nos em contacto com a fá-

Continua na SEGUNDA página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MALANJE

JUVENTUDE — Como é lógico, quando se fala de crise a primeira reacção é lamentar. Antes que advenham consequências desastrosas, tratamos logo de arranjar estruturas para tal. Por isso, não chega lamentar é preciso entender. Ninguém é perfeito; ninguém se admire quando a juventude toma atitudes condenáveis. O mal faz parte do nosso viver. A juventude clama, grita e reclama os seus direitos. Por mais bondosos que sejamos, nunca podemos satisfazer os caprichos aos demais e, além disso, também não somos bem vistos por todos. Há sempre alguém a contrariar-nos. Todos compreendemos o que é a juventude, embora a interpretemos de maneiras diferentes. Os jovens libertam-se de tudo que seja pressão. Se a juventude é assim, é assim mesmo. Temos de admitir as suas razões. Ninguém gosta de ser oprimido. A juventude é a idade da vitalidade, da força, da busca porfiada do ideal. Não podemos esquecer a; temos que a amparar. Ela é uma «bomba atómica» prestes a explodir. Deixá-la rebentar provoca destruição. Tem de ser controlada e regulada. O mundo sem ela é um mundo anestesiado. Ela é o opo-gue da generosidade, do altruísmo e da compreensão. O primeiro anseio do jovem é ser livre. Que linda é a palavra liberdade! Pois liberdade não é fazer o que queremos. A isso chamamos libertinagem; ou por outras palavras: liberdade descontrolada. Precisamente a verdadeira liberdade consiste em fazer sempre aquilo que nos faz crescer e, por conseguinte, seguir o caminho que Deus traçou nos nossos corações. Juventude é a beleza, o amor, o sonho longínquo, a música, a poesia — a vida; e, também, o ódio, o prazer falso, a droga — a morte. Jovens, vamos encarar a vida com seriedade e as dificuldades com decisão, amor e coragem — porque o nosso futuro está em jogo. Não esqueçamos este pormenor: os jovens de hoje são os homens de amanhã.

DESPORTO — Vou falar no actual momento do nosso desporto. Para que as coisas corram bem é preciso organização e ordem. Portanto, e o mais depressa possível, precisamos de eleger rapazes à altura para a direcção do nosso futebol. Temos uma equipa um pouco fraca. Digo fraca naquilo que jogam. Contudo temos bons elementos, sendo preciso orientá-los e mentalizá-los e ao mesmo tempo dar a aprender novas técnicas de jogo. Estamos integrados num quadrangular de futebol. Por

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

isso, aqui peço uma bola de futebol a um leitor que a queira oferecer. Como os leitores sabem, vamos construir o nosso campo de futebol de salão. Boa vontade não nos falta, mas precisamos da vossa ajuda. Pedimos aos nossos leitores tijolo e cimento, dois elementos básicos para a construção do campo de jogos. Na verdade, precisamos uns dos outros. Conceito moral que nunca devemos esquecer. Aqui fica expresso o meu agradecimento.

LIVROS — Vou dizer uma verdade: Tenho um grande defeito — não é coisa do outro mundo! — sou um fanático pela leitura. Por isso, peço aos leitores o favor de nos mandarem livros ou revistas decorosos, de que não precisem. Aqui fica o meu pedido, com a certeza antecipada da vossa amabilidade. E também precisamos de livros de estudo, do Liceu, até ao 7.º ano; e da Escola Técnica. Obrigado.

Fernando António Camacho

## MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Hoje, logo de manhã, começou a ouvir-se cantar; e digo começou porque ainda agora se ouve cantar ao despique. É em cima de oliveiras; mas quem canta não são os pássaros, são os passarões. Trata-se de um grupo jovial que repigando e com varas na mão deitam abaixo a azeitona das oliveiras do largo em frente da casa-mãe. Esta azeitona é sempre a primeira a ser apanhada porque é a melhor para curtir.

Há certos trabalhos agrícolas que cá em Casa abrangem toda a gente

e que toda a gente faz por gosto, ainda que sejam um pouco difíceis, mas com muita gente e a cantar torna-se fácil. De manhã, o grupo da azeitona era maior, incluía os alunos do Ciclo Preparatório da Telescola; de tarde não podemos contar com eles, mas contamos sempre com os da 3.ª e 4.ª classes que nesta parte do dia não têm aulas, para darem lugar aos da 2.ª e 3.ª que já na parte da manhã haviam andado com as latas e baldes a apanhar as azeitonas que fogem dos panais. Por enquanto estamos só a começar, pois o grosso da tarefa será feito nas férias, do Natal, quando estiverem presentes os nossos estudantes de Coimbra, que assim darão também o seu contributo na lavoura.

Antes de ontem e ontem havíamos andado noutro trabalho grande: plantar couves. Plantámos uma horta com mais de dez mil pés de couve! Aquela grande plantação é a admiração de quem passa na estrada. «Chiu! Para que é tanta coisa?!» Só nós não nos admiramos, pois sabemos que a fábrica do arroz não nos manda dele há três meses e as nossas velhas hortas não chegam para remediar ou suprir esta falta! E parece que não fica por aqui. Já a fábrica de sabão não nos fornece há três semaras! Materiais para as oficinas não vêm; têm sido requisições e mais requisições e outras a anular as principais — mas todas ficam por aviar! Parece haver congelamento total de produtos e se alguns são vendidos os preços são exorbitantes. Para onde nos havemos de virar senão para as ternas? Vamos tirando destas o que podemos e temos pena que nem todos fazem

assim e ainda haja terrenos incultos.

Lita

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Já nos constava; tanto, que fora incumbido um vicentino de avaliar, imediatamente, das necessidades. Bateu certo, infelizmente!

Hoje, por casualidade (?), topámos a mulher. Cara macilenta. Olhos encovados. Desgrenhada. Envelhecida.

— O meu homem está pior. Precisa de remédios e não temos dinheiro...

Ele é um alcoólico; diríamos «hereditário». Em tempos, numa tentativa de solução, foi internado numa clínica. Regressou. E tornou...

Na altura, o problema complicou-se. Aluguer da casa em atraso, o senhorio ameaçava pôr-lhes os trastes na rua. Disse e fez! Transitou, por esmola, para um barraco. Entretanto, com um certo esforço (o problema da habitação é de todo o espaço português...) conseguimos morada certa noutro lado — com uma condição dos senhorios: — *Só alugamos a casa se dois vicentinos, em nome individual (!), se responsabilizarem como fiadores* (diríamos pagadores).

Têm abrigo! Moradia de nossa conta, há mais de um ano. E o Senhor — no-so Deus — não falta; não falta, se nos mexermos.

Homem com *baixa*, a pobre mulher, de gigo à cabeça, amealhava para o caldo dos filhos (alguns ainda de leite); juntamente com o auxílio da Conferência — casa e pão; o pãozinho que não dispensamos, muito menos as crianças. É o prato forte dos Pobres!

Correram meses. E o no-so homem — mais capaz — lançou-se em campo. Procurou e conseguiu trabalho. Andou, por lá, quase um ano. Mas não aguentou!

— Ultimamente já não queria que lhe mandasse a pinguita só *pró comer* — sublinha a mulher; mexia-lhe com o estômago.

— ...!

— «Manda só cevada!» — era a ordem que me dava. Ia numa garrafa, pra quando tivesse sede...

Os olhos dela começaram a humedecer!...

— Há dias, fui chamada à obra, pelo encarregado. Meti-me no comboio. E segui para Gaia. Tive de o trazer pra casa! Não tinha forças. Gaia, cheio de dores.

Os papéis das receitas tremelicavam nas mãos! E continua:

— Hoje, ainda me fiam o pão; mas os remédios, não. Acuda-nos! Estamos a passar mal... Quando andava com o gigo, *arremediava-me*...

O homem já tem remédios. Já têm pão. Vamos, entretanto, escrever por mor do abono de família, atrasado... E para não tardar muito o subsídio de doença... Esta gente — que mal escreve o seu nome — não tem possibilidades de reclamar direitos. Temos de ser nós — os recoveiros dos Pobres.

## A venda do Jornal no Norte do País

É a primeira vez que escrevo para «O Gaiato». Vou descrever como está a venda do nosso Jornal no Norte do País:

PORTO — A venda tem baixado, ultimamente, porque os vendedores são muito fracos! Sairam, do grupo, os melhores que tínhamos. Eis o motivo, o grande motivo da baixa.

AMARANTE — Por enquanto, tem andado por lá o nosso amigo «Grilo». E muito contente. Dantes, passava 120 jornais; agora, 150. O «Grilo» está de parabéns! E Amarante, também.

VIANA DO CASTELO — Era o lugar do Maurício, que passou a estudante liceal. Foi substituído pelo «Toupeira», regressou à Invicta e «Girassol» a Viana. Que mudanças!

AVEIRO — É da conta do «Tiroliro». Em média, passa 350 jornais. Bem bom!

BRAGA — Com a saída de «Timpanas», «Rouxinol» agarrou-se ao verbo. Deixa 200 jornais na cidade dos Arcebispos. E, por lá, só fica a saudade dos nossos amigos pelo «Timpanas»... Mas o «Rouxinol» já tem os seus!

PÓVOA DE VARZIM — Habitualmente, era o posto do «Silazar». Como resolveu *veranear* algum tempo. «Melão» tomou conta. E, agora, a Póvoa pertence ao «Faneca».

GUIMARÃES — As mudanças continuam! «Melancia» substituiu «Gato Félix». Mas, como aquele é um ás na venda do Jornal, trocou com «Bolota» e fica na cidade do Porto.

Aqui estão, em duas pinceladas, notícias da venda do Jornal no Norte do País. Um forte abraço de nós todos para os amigos leitores.

Rui

## Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

*brica de móveis. São quarenta e oito camas. É uma sala de jantar. É uma sala-de-estar e recreio. É uma cozinha que tem de ter fogão e lava-louças e o resto que lhe pertence. São as louças. São noventa e seis lençóis e outros tantos cobertores. São quarenta e oito colchões e a mesma quantia de almofadas. São toalhas e cobertas de cama. É todo o necessário para o funcionamento de uma casa para cinquenta pessoas.*

*Compartilhando convosco este empreendimento e estas aflições, esperamos que estejais atentos. Quem quer tomar à sua conta uma das facturas? Como se aproxima o Natal... uma prenda destas daria alegria aos nossos Meninos-Jesus e daria lowor e glória a Deus-Menino.*

Padre Horácio



Paço de Sousa — um quadro de vida: ensilagem de milho para o gado.

Júlio Mendes

# Protecção Jurídica da Infância e Juventude

Cont. da PRIMEIRA página

jurídico, continuamos a ser na nossa terra uma «palavra nova», a qual, muito ao sabor do Evangelho, foi compreendida e assumida pelos Simples, pelos Humildes, mas ainda não por aqueles que, sempre e mormente no que diz respeito ao homem em formação, devem guiar-se pela Lei de Deus ao formular as suas leis.

Neste Seminário trataram-se de vários problemas genéricos da Criança, independentemente das suas condições sociais. Neste dia, porém, a nossa atenção incide sobre a Criança-problema, porque sem Família ou sem Família capaz e, consequentemente, vítima fácil da corrupção. Onde a Família sã, não temos nós de que nos ocupar: vale a Lei natural, impressa no coração dos homens. A Autoridade, o Legislador, são chamados, justamente, a suprir as falhas da consciência dos homens.

Permiti que recorde a palavra de Pai Américo em Assembleia semelhante a esta, há 21 anos reunida em Lisboa:

«Aos domingos, as nossas Aldeias são invadidas e é frequente ouvir dos visitantes: **Que pena não haver mais obras assim!**

A consciência do Povo está erroneamente formada. Nós temos de reagir, de ensinar o Decálogo como ele é. É preciso denunciar o mal; ir contra esta doutrina fácil e mentirosa. Todos somos poucos para pregar sobre os tectos o que às escondidas se pratica.

Este erro de situações criadas a tal ponto engana, que um grupo de visitantes se escandalizou um dia, quando um dos nossos cicerones, perguntado de quantos Rapazes estavam, responde que 180 deles; **mas antes fôssem só dez** — acrescenta.

Os Senhores não gostaram nada de ouvir aquela afirmação. Tomaram-no por um mau colega, chegando, mesmo, a feri-lo com a pergunta:

— Tu não queres para os outros o bem que tens aqui?

Mas o Rapaz é forte nas suas convicções. Ele sente e vive a mágoa de ser um repudiado. Ele conhece e tem pedido a bênção ao seu pai, que é um homem preponderante na Sociedade...! Por isso, àquela pergunta dos visitantes, o enfeitado dá uma resposta cheia de luz:

— Parece-me que os Senhores ainda não compreenderam que, se fôssemos só dez, era sinal de que poucos precisavam da Casa do Gaiato.

Ora aqui temos a boa doutrina. Sigamos esta luz. Que ela seja estrela de Magos. Reagir, sim. Sacudir a inércia que nos converte em cúmplices. Tremar. Amar a responsabilidade. Ir direito às causas que profanam as leis sagradas da Família.»

E, nesta linha de pensar, concluiu Pai Américo, pedindo:

1 — Para os chamados filhos ilegítimos — processos sumários a substituir a ineficiente **Lei de investigação de paternidade**. Para não termos que remediar, prevenir com «uma lei severa, castigos pesados, que sirvam de emenda ao próprio e sejam espelho dos vizinhos. (...) É um passo em frente para um profundo bem social. Todos lucraremos. Menos asilos, menos manicómios, menos prisões e menos Casas do Gaiato.»  
(É a aplicação da Norma 2.ª dos DIREITOS da CRIANÇA: «Toda tem direito, desde que nasce, a um nome e a uma nacionalidade.»)

2 — Para os que têm Família capaz — se o problema é de pão — «ajudar os seus parentes. É medida cristã. Custa menos à Nação. Rende mais ao núcleo familiar.»  
(É a aplicação das Normas 3.ª e 5.ª e 6.ª dos referidos DIREITOS.)

3 — Para aqueles cuja Família não serve — «quintas; aldeias; grandes núcleos familiares. Deixar o Rapaz agir, escolher, respirar sob o bafo paternal de quem dirige e lhes dá poder. Exemplo: as Casas do Gaiato.»  
(Eis outra modalidade de aplicação das mesmas Normas anteriores e da 4.ª e também da 8.ª: «A Criança deve ser protegida de todas as formas de negligência, crueldade ou exploração.»)

É do problema específico destes últimos que nos queremos ocupar brevemente; e na perspectiva do risco de negligência e de exploração a que estão sujeitos por parte das estruturas sociais e da própria Família que não serve e também por mau uso da liberdade.

Depois do que ficou dito, parece-me indesmentível a valorização preferencial que atribuímos à Família como instituição celular de uma Sociedade sã; e à Liberdade como direito fundamental das pessoas e clima insubstituível de formação humana.

Valores fundamentais não quer dizer insusceptíveis de deformação que, infelizmente, os torne desvalores, quando não mesmo anti-valores.

O vínculo do sangue gera geminados direitos e deveres mútuos entre os familiares. Podemos distingui-los, mas não isolá-los no mesmo sujeito. E diria que o equilíbrio entre uns e outros se traduz por uma lei semelhante à dos **vasos comunicantes**.

## ● Nossa participação no Seminário sobre a Criança na Comunidade Luso-Brasileira

● Lisboa, 25 a 29 de Novembro

Com que direito vem o sujeito que, então, não assumiu deveres para com a Criança sua familiar, invocar mais tarde os seus direitos de sangue sobre o adolescente em que essa Criança se tornou?...  
Pois a nossa lei é farisaica neste ponto, negligente e cúmplice da sabotagem a que tantos jovens ficam submetidos pela cupidéz e exploração da sua parentela.

Um caso, de tantos, tantos que constantemente se repetem. Era um pequeno fransino e inteligente, filho de pai na casa dos oitenta anos e de mãe na dos vinte e tal. Esta abandonou marido e filho e desapareceu de Trás-os-Montes para Lisboa. O pobre velho tem de ser recolhido num Albergue. A criança não tem ninguém. É recebida numa Casa do Gaiato.

Passam os anos. Prepara-se o garoto para o exame de instrução primária. É escolhido para continuar estudos porque em boa idade e inteligente e fransino. Aparece então a avó materna, mulher um pouco mais que a meio da vida. Sem consentimento nosso, leva-nos o neto «porque precisa dele e ele já pode trabalhar». Leva-o para uma aldeia do concelho de Alijó onde nenhuma outra tarefa era possível senão trabalho servil numa lavoura pobre.

Recorremos ao Tribunal. Inicia-se penosamente um processo sem esperança, que acaba por ter a resposta temida: «É a avó... O pai do pequeno disse que não o queria com ela; mas, chamado a Tribunal, diante dela não a desautoriza...»  
Protestámos. Nós também guardamos coisas dentro das nossas casas... Se nos levassem um móvel sem conhecimento nem autorização, não seria atendida a nossa queixa, a pretexto de roubo ou abuso de confiança?... Não seria chamado a contas o autor do atrevimento?... E uma Criança que nos foi entregue, que guardávamos e procurávamos orientar para uma vida melhor — é bem que possa comparar-se em dignidade com um objecto, por muito precioso?!  
Protestámos. Mas o processo foi arquivado. Prevaleceram à face da lei os direitos do sangue de quem jamais assumira os correlativos deveres!

E os DIREITOS da CRIANÇA, acerca de que se fazem Declarações universais — quem os defende sem subterfúgios, eficazmente?!

A Família que não serve a fingir que serve. E o fingimento aceite pelos executores da lei!

Vejamos agora um caso de mau uso da Liberdade. Porque a prezamos como condição necessária à formação do Homem — «nós somos a porta aberta». Nenhuma prisão dentro dos nossos muros, a não ser as «prisões» que a própria consciência imporá a cada um que se vai formando. Podemos testemunhar pela experiência de 34 anos vividos que a regra é esta e está certa para o comum dos Rapazes, mesmo vindos das origens mais precárias.

Livre é aquele que sabe e aceita prender-se sempre que a sua consciência lho segreda. A Liberdade é qualidade essencial ao homem — ser racional. Portanto só é autêntica e só adquire direitos sobre um fundamento de razoabilidade. Não pode ser deixada por regular em quem deu provas de incapacidade de a utilizar sem condicionamentos extrínsecos, justamente por não ter sabido condicionar-se dentro dos limites da recta razão; ou em quem não atingiu ainda a razão madura.

Ora aparece, às vezes, o Rapaz que, depois de muitas tentativas, de muito renovar de esperanças, prevarica contra toda a razão com tal contumácia, que o nosso sistema de «porta aberta» se revela insuficiente para o regenerar. Se o delito pelo qual tem de ser entregue ao poder judicial ocorre depois dos 16 anos, ele cai sob a alçada dos Tribunais Comuns, com todos os riscos de uma sanção mais punitiva que medicinal e de uma convivência que facilmente o leva à corrupção total.

Um exemplo: O Júlio tinha 13 anos. Viera do Porto, da encosta da Sé, com um irmão mais novo, a juntar-se a outro mais velho, filhos de pais diversos e da mesma mãe, que ao tempo vivia já com outro pai de outros filhos. Era dos nossos: «dos mais difíceis, dos mais viciosos». «Repelente», não. Era, até, cativante e revelava já garra de chefe!

Não conseguimos habituá-lo à Escola, à ordem da nossa «desorganização organizada», à disciplina do nosso à-vontade familiar, à «prisão» da nossa «porta aberta». Fugia e regressava; fugia e regressava... Até que não regressou — nem procurado pelo irmão mais velho que sofreu ultrajes da própria mãe e de vizinhas, quando, por bem, perseguira o irmão. Tentámos tudo para que se ocupassem dele os Serviços Jurisdicionais de Menores. Denunciámos o perigo probabilíssimo do Rapaz vir a cair no crime. Demos pistas. O irmão mais velho não desis-

tia de colaborar, apesar das afrontas recebidas.

O Júlio ficou na rua. Engraxava sapatos. Fazia recados... Vadiava... Começa a capitanear um grupo que se dedica a extorquir violentamente merendas das Senhoras que se ocupam da vida doméstica no Seminário da Sé. As exigências crescem. As Senhoras procuram cativá-los e levá-los a bem. Mas as exigências crescem despoticamente. Se não atendidos conforme o seu capricho, havia bombardeamento à pedrada.

O Júlio tem 20 anos. Está hoje na Prisão-Escola de Leiria para onde transitou depois de meses na Cadeia Civil do Porto. Cumpre sentença por crimes qualificados.

Não resisto a outro exemplo mais recente, cuja ferida nem outras feridas nos deixaram ainda esquecer.

Lourenço Marques, vésperas do Natal de 1970. O Toninho era um adolescente de 16 anos, simpático, de coração bondoso, mas muito leve de cabeça e de ânimo dado à aventura. Vendedor muito querido de «O Gaiato» nas ruas de Lourenço Marques, fez relações de conhecimento com um homossexual e proxeneta que o desvia e o leva... A dor que fere o nosso Padre José Maria, esse presente de Natal tão amargoso, estimula-o à luta por reaver quanto antes aquele filho roubado. Polícias, Tribunal..., pistas que se lhes forneceram... Procura que nunca foi seriamente feita. Tratasse-se de outro crime... Mas mais um jovem perdido numa cidade onde a droga e as perversões fazem tantos estragos, valeria um esforço determinado à eficácia?...! Pois se ele nem apareceu a ninguém a pedir pão ou agasalho...! Pois se, digna ou indignamente, ele até ia ganhando a sua vida...!

Três anos passaram. O Toninho trabalha agora — cuida que ainda... — na Barragem do Massingir. Aparece de vez em quando em Lourenço Marques. Droga... Vícios... Caminho de difícil regresso para um farrapo humano!

Urge concluir, que o tempo não perdoa. Exactamente: Que o tempo não perdoa demoras em causas tão sagradas como

Cont. na QUARTA página



# O nosso jornal

É verdade! Recebeu a quinzena passada uma classificação «autorizada» de: **para crianças.**

É certo que a Repartição Competente da Secretaria de Estado não achou lugar para «O Gaiato» em nenhuma das categorias onde cabem todas as publicações periódicas.

É certo que uma enormíssima porção do Povo português (e alguns estrangeiros), de todas as idades e condições sociais e culturais, que é nossa assinante, não se suporia interessada num quinzenário **para crianças.**

É certo que Pai Américo escreveu em 7 de Abril de 1956, três meses antes de morrer:

*«É frequente ouvir-se dizer que «O Gaiato» peca por demagogia: é um demagogo. Na verdade tem havido sempre homens, e hoje também, que procuram defender os seus interesses com tanta habilidade, que até parecem estar a defender os dos outros; e quando se trata dos Humíldes, os tais defensores quase chegam à perfeição! Dão muito que falar e pouco que meditar. Agitam sim, mas não produzem a inquietação das almas. Não levedam! Não é fermento que preste. A massa derranca-se. Deus não está ali. Eis aqui o retrato do demagogo, quer nos comícios quer nos jornais. Quem é que os não tem visto? Ora nós não senhor. Não amamos o homem pelo homem. Não se nos dá de juízos ou opiniões. Lançamos o fogo e fugimos das turbas. Resultado: primeiramente as almas. O seu grito interior. O seu arrependimento: ai o que nós estávamos fazendo! A seguir a derruba. Ilhas abaixo. Eis aqui a demagogia de «O Gaiato».*»

E até talvez esteja certa a classificação de agora...! Pois se «da boca das crianças tira Deus o louvor perfeito», também só cabem no Seu Reino e na «porta estreita» que Lhe dá entrada, «os que se tornarem como crianças».

Ora aqui está uma inesperada bem-aventurança para os nossos Leitores!

Assim seja.

Não quero deixar passar a Quadra que se aproxima, em que nos sentimos mais unidos uns aos outros, para desejar a todos os nossos amigos (que, ao longo do ano, nos ajudaram com encomendas e donativos a favor do concerto das casas dos nossos Pobres) umas santas Festas na Paz do Senhor e que o Novo Ano lhes seja portador das maiores felicidades, temporais e espirituais.

Devem estar admirados de não verem notícias de Ordins — mas não estamos inactivas; a vida continua e continuará, enquanto os interessados por estas obra quiserem, para dar amparo a quem aqui trabalha.

Trabalhos enviados para as seguintes localidades, desde o nosso último artigo: Lisboa, 1 chale. Alhandra, 4 tapetes e uma manta. Novamente Lisboa, um conjunto de malha, uma manta, 6 chales, 6 pares de soquetes e uma



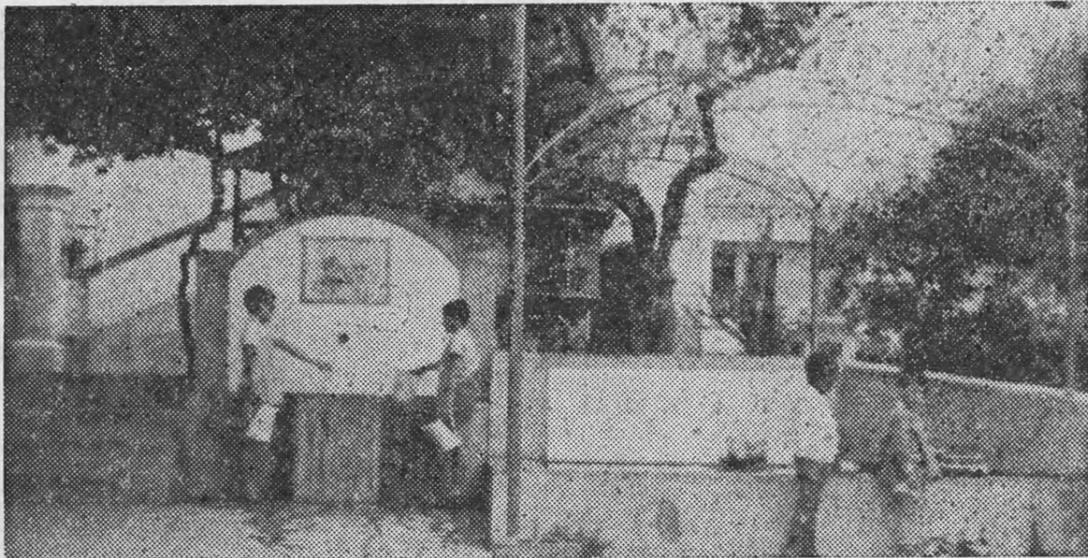
colcha de lã feita à mão — tudo para a mesma Senhora. Porto, para uma loja, 40 pares de soquetes. Portalegre, 6 chales para bebé. Porto, 1 chale e 3 camisolas e um fato para bebé. Mais Porto com 1 jogo de sala de jantar, trabalhado em juta e ouro. Outro jogo para Lisboa, mais 1 chale e 3 camisolas. Porto, 2 colchas em lã e algodão, feitas no tear. Alhandra, novamente, com 3 tapetes e um jogo de sala de jantar. Porto, 4 pares de soquetes para dormir. Torres Vedras, uma colcha em lã e algodão, feita no tear para cama de casal; dizem-nos que o trabalho satisfez inteiramente. Sobreira, 3 panos de juta e 3 colchas feitas no tear. Porto,

6 panos de juta e ouro, 4 colchas. Aregos, uma colcha em lã para cama de casal, e um jogo de sala de jantar. Boticas, uma camisola e uma manta. Angola, 2 tapetes, e uma colcha em lã feita à mão. Lisboa, 2 camisolas e 3 casacos. Gondomar, uma manta e uma colcha. Vila Chã, 4 tapetes e uma colcha. Oliveira de Azeitão, 2 capas e 4 pares de soquetes. Lordelo do Ouro, 1 jogo de sala de jantar. Espinho, 1 echarpe. Coimbra, 1 conjunto de malha. Covilhã, 16 metros de passadeira.

Donativos para o concerto das casas dos nossos Pobres: Além dos mensais de duas Irmãs, do Senhor que se assina «Bem haja» e de D. Berta, de Lisboa, recebi mais os seguintes: Lisboa, 200\$. Cascais, 100\$. Porto, 200\$. Por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 20\$, 500\$, 500\$, 100\$, 1.000\$, 100\$, 1.000\$ e mais 2.500\$. Paguei a dívida da casa que reparámos e começámos obras noutra, para a qual peço novamente o vosso auxílio. Eu apenas sou a distribuidora do que depositais nas minhas mãos...

Por tudo, Deus seja louvado.

Maria Augusta



Miranda do Corvo: A casa-mãe com a fonte à entrada e o tanque de peixes com parque de convívio.

## Protecção Jurídica

# da Infância e Juventude

Cont. da TERCEIRA página

a defesa da Criança, do Adolescente — defesa da sua própria fragilidade e de um mundo exterior prenhe de rasteiras.

Não basta que haja belas leis, ditadas de sábios gabinetes, considerando friamente estes e outros problemas escaldantes que aflorei... e respondendo-lhes com a pachorra que lhes mata a eficácia.

As leis para a Juventude têm de ser pensadas em clima de sólida formação jurídica, que nada perde em aceitar a iluminação de corações que

andam no mundo rasgados pelos problemas dos Jovens. Talvez até agora se tenha perdido em vida o que se pensa ter ganho em preciosismo...!

Os Tribunais de Menores têm de ser disponíveis e destros na acção. Nem o nosso tempo e de vagares, nem o objecto dos seus serviços se compadece com demoras burocráticas, com enredos complicados pelos adultos no desfiar das leis. Semanas, meses — são prazos muito longos para a breve vida dos jovens, para os seus problemas a urgir remédio, que há-de ser pronto para que eficaz. Compreensão profunda e autoridade

de forte. E um desejo imenso, apaixonado, de curar as feridas de alma.

Assim foi Pai Américo. Por isso, Pai! Por isso, ele reivindicou — e nós reivindicamos — uma confiança que dê asas no foro das leis, àqueles que prestaram provas ao longo de anos e se dão sem outros limites que não sejam os inerentes à sua frágil condição humana. Que se dão, não como mercenários íntegros e corajosos, como funcionários válidos e dedicados, mas à maneira do pelicano, que rasga o peito para alimentar os filhos com o seu sangue.

## RETALHOS DE VIDA

### O DESEMBARGADOR



*Sou o João António dos Santos Desembargador, natural de S. Lourenço de Azeitão, onde nasci a 14 de Outubro de 1956.*

*Depois de me identificar, vou contar, resumidamente, a minha vida:*

*Minha mãe abandonou-me tinha eu quatro anos; não só a mim como a mais três irmãs e outro irmão, que também estive na Casa do Gaiato de Beire — onde meu pai o foi buscar de táxi.*

*Como dizia, minha mãe abandonou-me aos quatro anos porque fugiu com outro homem, «praticante de boieiro». Resultado: tem mais três filhos que não conheço.*

*Dos quatro anos em diante vivi com o meu pai e só aprendia a guardar vacas. Dormia em cima de umas tábuas, enrolado num cobertor; e nesse estado passaram-se três anos. Não sabia mais nada senão isso. Fui para a Escola Primária com sete anos, mas em casa não tinha quem me obrigasse a estudar.*

*No ano seguinte mudei de vida: vim para a Casa do Gaiato de Setúbal. Só media, na altura, 90 cm; era muito magrito. Hoje, estou um rapazote! Concluída a Instrução Primária, frequentei o Ciclo Preparatório T V até ao 2.º ano. Mas, o ano passado, «chumbei» no 3.º ano do curso liceal!*

*Nas férias, pensei um bocado: ser condutor... Tanto que, este ano, não fui estudar com esta ânsia! Para o ano, vamos a ver...*

*Aqui tendes, em resumo, a minha vida. Que Deus me ajude a ser um homem!*

*Um grande abraço do*

Desembargador

